

ANCESTRAL¹

Julia Francisco²
Thaiane Barbosa³

Resumo

Ancestral é um diário de uma peça teatral autobiográfica que traz como ponto de partida a reflexão sobre a violência familiar. A partir de uma série de entrevistas com seus familiares, Julia decidiu quebrar o silêncio que durava gerações dentro de sua própria casa. A dramaturgia de Ancestral é construída a partir dos fragmentos destas entrevistas. Este trabalho é fruto do encontro entre mulheres na periferia parisiense abrindo possibilidade de diálogos entre gênero e imagem, mediante a produção de registro fotográfico desse processo criativo. As fotografias foram produzidas durante os ensaios da peça e retratam o ambiente tanto da cena quanto dos bastidores, onde coloca-se luz, na interpretação da dor, da violência e resistência das mulheres.

Palavras-chave: violência, mulheres, teatro, fotografia, gênero.

ANCESTRAL

Abstract

Ancestral is a diary of an autobiographical play that takes as its starting point a reflection on family violence. From a series of interviews with her family, Julia decided to break the silence that had lasted for generations inside her own home. Ancestral's dramaturgy is built from the fragments of these interviews. This work is the result of the encounter between women in the Parisian periphery, opening the possibility of dialogues between gender and image, through the production of a photographic record of this creative process. The photographs were produced during the play's rehearsals and portray the environment both at the scene and backstage, where light is placed, in the interpretation of pain, violence and resistance by women.

Keywords: violence, women, theater, photography, gender.

Recebido em: 30 de junho de 2021

Aceito em: 15 de maio de 2022

¹ Este trabalho foi desenvolvido por Julia Francisco juntamente com uma equipe de artistas e foi apresentado como requisito de aprovação do Master 2 Artes Cênicas na Universidade Paris 8 em junho de 2021.

² Universidade Paris 8, França. Email: francisco.julia@gmail.com. ORCID id <https://orcid.org/0000-0002-0161-7876>

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasi; École de Hautes Études en Science Sociale, França. Email: thaianebarbosa1988@gmail.com. ORCID id: <http://orcid.org/0000-0002-3814-542X>

Arte como espelho da vida: diário/manifesto de um processo artístico

Meu interesse em abordar a violência familiar contra a mulher foi ampliado quando entrei na universidade na França, em 2018. Isso me fez procurar por respostas dentro de minha própria família, para mim algo ainda não estava muito evidente. Há alguns anos, descobri que a família de minha mãe foi criada em um ambiente hostil. Este ambiente hostil do qual ninguém jamais falou, este silêncio eterno, refletiu-se no comportamento de meus tios, minha tia, minha mãe e minha avó.

Foi quando, em 23 de outubro de 2018, decidi quebrar este silêncio geracional presente na história de minha família. Entrevistei minha mãe naquele fim de outubro, início de inverno europeu. E então ela me contou em detalhes cada episódio de que se lembrava. Toda dor que ela sentia:

A imagem que eu tenho é da minha mãe sentada na soleira da porta, num degrau que tinha em casa. Ela tava chorando e implorando pra ele não ir embora porque ela não queria que as crianças passassem fome. Meu pai chegou muito bêbado, começou a brigar com minha mãe. Bateu no meu irmão que é mais novo do que eu, por besteira, por nada... só por ele estar presente ali na sala. Ele nunca falava porque ele bebia, mas era meio que hereditário. Era meio cultural nessa época os pais de família beberem muito. O que eu me lembro assim, depois entrando na adolescência, é... ele tinha mais o irmão que bebia, ele tinha mais... dois tios que bebiam, o pai que bebia e o sogro que bebia. Na família dele, o violento era ele. Era ele e o pai dele. E do mesmo jeito que o pai dele tratava ele, com violência, ele tratava a gente. Eu tenho essa imagem: um dia, a minha irmã tava no berço, e ele chegou bêbado. Falou que não gostava mais de mim porque agora ele tinha o bebê, a minha irmã. Ele sempre fez muita diferença entre nós. Os meninos ele sempre rejeitou mais, não sei porque. E ele passou a me rejeitar quando a minha irmã nasceu. (Eliana, 23/10/2018).

Para mim, minha mãe tinha uma resiliência que eu nunca havia reparado antes. Ela se mostrava em depoimento uma guerreira, uma fortaleza, uma rocha plena de amor incondicional. Compreendi sua raiva, sua angústia e suas explosões de sentimento por causa daquela infância e adolescência avassaladora. Esta entrevista durou uma hora e meia, através dela pude conhecer em detalhes mais sobre minha mãe e o que ela e sua família haviam passado. Eu sentia como se uma parte de mim tivesse viajado no tempo e experienciado essas coisas tão horríveis.

A partir desta entrevista se deslançaram outras quatro ou cinco; dos meus tios, tia e avó. Após recolher este material, com ajuda de uma grande amiga dramaturga e também atriz, Gabriela Lemos, decidimos criar esta dramaturgia. Com uma linguagem contemporânea e autobiográfica, *Ancestral* é entendido enquanto um ato catártico.

Desde o início desta criação e pesquisa cênica, diversos fatores influenciaram o período de ensaios e estrutura textual. Ao abordar esta temática do empoderamento de mulheres vítimas de violência familiar, debatíamos sobre o quanto este assunto começou a ser publicizado recentemente dentro das arenas públicas. E que o tema se tornou ainda mais relevante dentro do cenário de surgimento da pandemia de COVID-19. Em processo concomitante à preparação e realização da peça, acompanhamos o aumento da taxa de feminicídio, que durante os confinamentos aumentava gradativamente, como vemos nas reportagens abaixo:

Desde o surgimento da COVID-19, a violência contra mulheres e meninas aumentou em países do mundo inteiro. Embora as medidas de contenção estejam ajudando a limitar a propagação do vírus, as mulheres e meninas afetadas pela violência doméstica estão cada vez mais isoladas das pessoas e dos recursos que podem ajudá-las. (Onu Femmes , acesso 7/11/2020)

Na atual epidemia do novo coronavírus (COVID-19), a partir de meados de março de 2020, relatórios da Austrália, Brasil, China e Estados Unidos já sugerem um aumento da VAW/E [violência contra mulheres/crianças]. No distrito chinês de Jianli (província central de Hubei), a delegacia informou ter recebido 162 denúncias de violência de parceiros íntimos (em fevereiro - três vezes mais do que em fevereiro de 2019) (Wanqing, 2020). De acordo com Wan Fei, fundador de uma organização sem fins lucrativos anti-PVI [violência de parceiros íntimos], "90% dos casos de violência estão relacionados com a epidemia da COVID-19". Nos Estados Unidos, a National Domestic Violence Hotline divulgou no início de março de 2020 uma declaração sobre como permanecer seguro durante a COVID-19, incluindo evidências pontuais de como os abusadores estavam usando o vírus como tática de susto para ameaçar ou isolar as vítimas, e incentivando aqueles em risco a fazer um plano de segurança, praticar autocuidado e buscar ajuda (National Domestic Violence Hotline, 2020). Na Austrália, uma pesquisa com 400 trabalhadores da linha de frente indicou que 40% relataram um aumento nos "pedidos de ajuda" e 70% um aumento na complexidade dos casos. (PETERMAN et al., 2020).

Em 2021, em meio a uma pandemia mundial, ainda estamos lutando por políticas públicas eficazes que reconheçam e sejam capazes de acolher mulheres e crianças vítimas de violência familiar. É mediante a esse cenário que este projeto artístico teve como objetivo despertar o questionamento no espectador, não apenas para olhar para ele mesmo, mas também para refletir sobre as vidas que se perdem por causa do silêncio.

Se a minimização (ou negação) do sofrimento passado for um mecanismo de defesa e, portanto, uma proteção para os pais, ela se torna um fator de risco para as crianças. O sofrimento que está encistado [isolado] na mente dos pais, mesmo que eles tentem mantê-lo à distância, será transmitido, apesar de si mesmos, para as crianças. Ele pesará a atmosfera diária de todos os membros da família, aqueles que conhecem e aqueles que não conhecem, e dificultará a comunicação entre eles. (Calicis, 2009: 182).

O silêncio é capaz de marcar gerações. O não dito cria um ambiente de segredos, pois há coisas que são colocadas como não ditas para evitar a dor. No entanto, a consequência deste silêncio é sentida na vida diária e esta proteção não é eficaz, como diz Calicis (2009: 182): “A causa mais perigosa é impedir a comunicação, pois é a partir dessas coisas não ditas que as pessoas reproduzem os mesmos comportamentos que seus pais.”

Ancestral é uma conferência performática de quarenta e cinco minutos que reconta episódios de violência vividos por uma família nos anos oitenta no Brasil. Anos depois, uma filha pergunta à mãe sobre seu avô violento. A resposta revela-se um relato de sofrimento, superação e sensatez. A filha decide ir além e buscar os relatos dos outros membros de sua família, personagens da narrativa contada por sua mãe. Dessa busca surge uma série de entrevistas que revelam o que realmente aconteceu. As palavras não ditas, as risadas nervosas, o nó na garganta que sai em forma de voz engasgada. Escutar esses relatos é conhecer as entrelinhas de uma história de violência. Uma história que se repete por todo o Brasil (e por outros lugares do mundo).

Cada conversa compartilhada apresenta um personagem, dono de seu ponto de vista particular, influenciado e colorido pelas nuances de sua personalidade. Cada acontecimento narrado é um caleidoscópio de opiniões e experiências. Há que se destacar a figura da matriarca, a Avó, que antes era mãe e esposa de um homem abusivo. Uma mulher que protegeu o bem estar dos filhos e coordenou o rumo de sua vida com sensatez e compaixão.

As entrevistas são a mistura do passado e presente, uma forma de olhar para um trauma escondido pela passagem dos anos, que nos permite indagar: Quantos silêncios geracionais existem em cada brecha temporal das nossas histórias familiares? Quantas mulheres e meninas têm a oportunidade de conhecer tão profundamente o passado de suas mães e avós? Como o conhecimento da dinâmica das relações em outro tempo impacta o que estamos vivendo hoje? A noção de ancestralidade (que inspira o título da peça e deste artigo) se refere a todos os nossos laços familiares, em todo o curso da vida, desde a infância até a vida adulta. É sobre questionar quem somos: entendendo uma parte daqueles que nos criaram, que vieram antes de nós.

Dor e resistência: Arte como possibilidade de ação coletiva

Em seu livro "Uma teoria da ação coletiva" Becker (1977) nos chama atenção para o caráter social presente na arte, lembrando que existe uma ligação entre obras de arte e seu contexto de produção, neste livro o autor vai mais além e nos apresenta a ideia de que a arte pode ser definida enquanto uma forma de ação coletiva.

Nesse sentido, *Ancestral* pode ser entendido enquanto um produto de uma ação coletiva. Ele inclui a força tarefa de 6 mulheres, de diferentes nacionalidades (quatro brasileiras, uma francesa e uma colombiana) que para a sua concepção desempenharam múltiplas tarefas como; a concepção do espetáculo, sua criação e a execução das tarefas para que ele pudesse existir.

Cada uma contribuiu não só com a sua força de trabalho, no sentido literal da palavra, mas com suas histórias de vida, que mesmo narradas de diferentes lugares sociais nos levaram a um lugar comum; o papel de ser mulher em uma sociedade machista. Salve as diferenças de raça, classe e gênero que nos aplacam, essa condição nos aproximou pela dor de já ter sofrido ou presenciado o sofrimento de mulheres que como nós foram vítimas de violência, seja ela, física, social ou psicológica.

E essa unidade, que também se dá pela diferença, é o que une essas mulheres na concepção da produção de uma arte que cura, que serve de local de acolhimento e de escuta. Escuta não só de histórias de dor, mas de histórias de superação, resistência e força, ou seja, histórias que se dão na construção de uma luta coletiva que é histórica, e que nos convoca a pensar as nossas ferramentas de luta e de engajamento.

Ancestral não é só um grito de socorro, mas é um grito de alerta, um grito preso na garganta de gerações de mulheres que se recusam a perder suas vidas nas mãos de seus agressores, é uma espécie de manifesto que nos convida não só a denúncia mas a celebração dos encontros. Encontros potentes, que geram o crescimento de um jardim promissor plantado com as mais belas sementes.

As fotos produzidas surgem desse encontro entre essas mulheres, na periferia francesa, local marcado pelas contradições de uma sociedade que “nega a diferença” pelos seus ideais republicanos; de igualdade, fraternidade e liberdade.⁴ Mas que agrega uma

⁴ Não existe produção de dados étnico-racial na França, o que em nosso entendimento é uma forma de apaziguar identidades e conflitos que podem surgir do encontro entre os diferentes corpos que habitam o território francês.

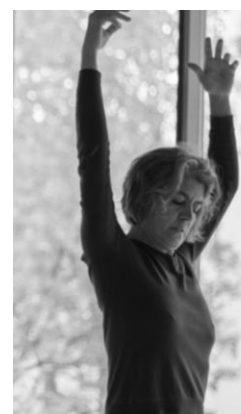
potencialidade que reside justamente dessa não homogeneização dos corpos que ali vivem. Portanto, esse trabalho se afirma como um registro artístico que traz para a fotografia de cunho documental a possibilidade de registro do amor, da confiança, e da força que se estabeleceu entre essas mulheres, seja durante a cena ou em seus bastidores.



Portfólio Fotográfico.
Thaiane Barbosa.







Considerações finais

A partir de uma dramaturgia original baseada em histórias reais e de uma trilha sonora original, encontramos a possibilidade de performar a violência, a dor e o luto. Assim, dialogamos histórias bibliográficas com a realidade de inúmeras outras mulheres de diferentes lugares do mundo. A metamorfose da violência familiar personifica o fim de um ciclo, a transformação de uma memória dolorosa em um símbolo, uma poesia, um movimento, uma mensagem.

Em colaboração com a Associação FemmesenScène⁵, este projeto de pesquisa-criação se constituiu enquanto uma criação teatral que propôs uma reflexão sobre a violência familiar e o empoderamento das vítimas. Entendemos que a luta contra a violência familiar está diretamente associada às lutas feministas e a discussão da questão de gênero, principalmente em seus anseios de igualdade entre mulheres e homens. Nesse sentido, a luta contra a violência familiar/contra a mulher é também entendida enquanto um ponto de partida para o desenvolvimento de uma luta emancipatória.

Este teatro-performance permitiu o encontro de personagens femininas geracionais em um momento presente, onde passado e presente se fundem. Este projeto, longe de terminar apenas com a produção de uma obra teatral, quer se estender e dialogar com diversos campos da arte, como o campo da fotografia e do audiovisual.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro. ZAHAR EDITORES, 1977.

CALICIS, Florence, PHILIPPE, LYDIA, ÉRIC ET LES AUTRES... Impact des secrets de famille sur les enfants et bénéfiques de leur révélation, *Cahiers de psychologie clinique*. Paris, n 32, p. 182. 2009.

LA PANDÉMIE fantôme : la violence contre les femmes pendant la COVID-19 » (A pandemia fantasma: a violência contra as mulheres perante a COVID-19), ONU Femmes URL: <https://www.unwomen.org/fr/news/in-focus/in-focus-gender-equality-in-covid-19-response/violence-against-women-duringcovid-19>. - Acesso 07/11/2020.

⁵ Associação francesa (sem fins lucrativos) dirigida e criada pela artista brasileira Rosi Andrade que tem como perspectiva desenvolver ações e ferramentas em prol da igualdade de gênero. A associação desenvolve uma série de atividades com mulheres vítimas de violência familiar, como ateliês corporais, debates e atividades artísticas.

PETERMAN, Amber; POTTS, Alina; O'DONNELL, Megan; THOMPSON, Kelly; SHAH, Niyati; OERTELT-PRIGIONE, Sabine; VAN GELDER, Nicole. Pandemics and Violence Against Women and Children. Working Papers. CGDEV (Center for Global Development), 1º abril 2020. Disponível em: <<https://www.cgdev.org/publication/pandemics-and-violence-against-women-and-children>>. Acesso em 5 abril 2021.